Identidade e identitarismo

O desejo sob assalto[1]

José Nepomuceno,[2] Brasília

Resumo: O autor, ao abordar o tema da identidade e do identitarismo, faz um certo histórico dessas condições, ao mesmo tempo que procura articulá-las com a transexualidade. Essa é vista como um fenômeno favorecido por determinadas condições da contemporaneidade, mas que também se liga ao que é constitutivo do humano, em especial o desejo.
Palavras-chave: identidade, identitarismo, desejo, transexualidade, subjetivação

A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa.
(Freud, 1921/1974c, p. 133)

o identitarismo é um delírio: nele se julga já ter encontrado o objeto, e, portanto, o outro, a diferença, é sempre uma ameaça.
(Barros, 2024, p. 25)

Narciso, já adulto, deparou com sua própria imagem refletida na calma superfície de uma fonte. Enamorou-se tão perdidamente de si mesmo, que ali ficou, dias e dias, a contemplar-se, deixando-se consumir pela fome, pela sede, pela solidão…
(Civita, 1976, p. 433)

Abro ao meu amado/mas meu amado se foi…
Procuro-o e não o encontro./Chamo-o e não me responde…
(*Cântico dos cânticos de Salomão*
citado por Fuks, 2000, p. 111)

[O] papai pensa que eu sou um menino. Algumas vezes eu uso roupa de menino e, assim, o coração dele não continua se partindo. (Fala de uma menininha de 5 anos, considerada trans)[3]
(Saketopoulou, 2014, p. 796)

1 Este trabalho apresentado, parcialmente, no Núcleo Psicanalítico de Maceió, em abril de 2026, é dedicado aos candidatos da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).

2 Psicanalista. Membro titular com função didática da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb).

3 Tradução livre do autor em todas as citações em língua estrangeira deste artigo.

Só o amor permite ao
gozo condescender ao desejo.
(Lacan, 2005, p. 197)

Preâmbulo

O Jardim do Éden não é mais o mesmo: mudou de lugar e de tempo de existência. A descoberta, na década passada, dos mais antigos restos do *Homo sapiens,* nos arredores de Marrakesh, em Jebel Irhoud – sítio arqueológico no centro de um escaldante *hamada*, deserto de pedras – indica que o surgimento de nossa espécie ocorreu há cerca de 300 mil anos, 100 mil anos a mais do que se pensava, e do lado oposto do continente africano (a Etiópia era considerada o local de nossa origem).

Dessa forma, pelas hipóteses que se faziam antes, sobre o momento do surgimento da linguagem (verbal), isso deve ter ocorrido há, mais ou menos, 250 mil anos. Vários linguistas sugerem que tal fato se deu em torno da necessidade de os humanos identificarem-se, quando seus grupos atingiram um determinado tamanho. Condição que se articula com outras já existentes, como a descida da laringe, o papel do osso hioide, o gene FOXP2 (associado à linguagem complexa) e, certamente, a complexificação das funções do cérebro.

Assim, esse aparato entra em um modo de produção diferenciado, permitindo que um humano se reconheça e reconheça outro humano por um som diferenciado, em um evento grávido de consequências, por tudo aquilo que a linguagem trouxe para nós. E que se somava ao surgimento de uma palavra muito específica, carregada de ressonâncias: "mãe", cuja raiz é a mesma em muitas línguas, principalmente naquelas de origem indo-europeia, uma espécie de denominador comum de nossa espécie.

O humano, de fato, então, nasceu em um jardim, mas em jardim/leito de pedras. E o fez, ao mesmo tempo que, em uma curiosa circunstância, nos aproximávamos de certos animais, igualmente capazes de identificar-se por sons específicos como, por exemplo, baleias, elefantes

e pinguins: a confraria dos seres vivos tem fronteiras fluidas e propiciadoras de troca e de integração.

Em paralelo, no que toca a nós, Marrakesh ("Cidade de Deus", etimologicamente, em berbere) foi fundada, em um ato de fé enlouquecida, por monges-guerreiros almorávidas, no meio de um nada, ao lado de Jebel Irhoud. Mas que se transformou em uma "Nova Jerusalém" e em uma homenagem *avant la lettre* à nossa própria fundação, além daquela ao próprio país onde ela se localiza, pois o nome "Marrocos" se origina daquele da cidade-rubra, que tem sido, por mais de mil anos, o ornamento do país.

Assim, o *Homo sapiens* e Marrakesh são irmãos, filhos da transfiguração de um árido *hamada* em um lugar de fertilidade e detentor de alvíssaras. O muezim, ao chamar os fiéis para as preces, por meio de lancinante salmódia, no alto do minarete da veneranda *Koutoubia* (a célebre mesquita da cidade e modelo para todas as outras do país e até mesmo para aquelas da Andaluzia, durante o período da dominação berbere), chama também, clama, para a celebração da vida. Em toda sua potência e encantamento, traduzida na Epifania das epifanias: o novo, encarnado no nascimento de uma criança!

Identidade pessoal

Como fazemos para termos certeza, nós e os outros, de que nós somos nós mesmos e permanecemos assim ao longo da vida? Tal questão atravessa a nossa história e tem sido alvo de acalorados debates ao longo dos séculos. Envolvendo, por exemplo, filósofos do porte de Hume e Locke, em que elementos como memória e consciência têm peso privilegiado.

Dessa linhagem, de certa forma, faz parte também Freud, mesmo que ele se interesse muito mais pelo "processo de produzir identidades" (identificação), em um movimento largamente permeado pela clínica. E em um sentido radical, centrado na constituição de nossa própria condição de humanos, quando ocorre, em um certo registro, um fato igualmente radical: o encontro com o outro, o *Nebenmensch*, o semelhante identificado como tal, como acima assinalado, em torno do surgimento

da linguagem, peça crucial em nosso processo evolutivo e na constituição de nossa subjetividade.

Freud, ao longo de décadas, tratou do tema da identificação. Apresentando, já na correspondência com Fliess (Freud, 1986), cartas de dezembro de 1896 e de maio de 1897, ideias como o identificar-se com prostitutas, por parte de mulheres agorafóbicas, e o relacionar o processo identificatório com múltiplas personalidades psíquicas. Esse trajeto, de certa forma, tem ponto quase conclusivo, com Freud, na Conferência 31, das "Novas conferências introdutórias" (1932/1974b), expressando sua insatisfação com suas considerações sobre o conceito de identificação, ao mesmo tempo que ele afirma que a formação do superego é expressão exitosa desse mecanismo.

Entre os dois pontos extremos dessa trajetória sobre a identificação, temos a obra seminal de Freud sobre o tema, "Psicologia de grupo e a análise do ego" (1921/1974c), principalmente o capítulo 7. Embora, óbvio, essa obra vá muito além de considerações sobre a constituição do indivíduo, trazendo contribuições incisivas sobre o funcionamento do social. A respeito do qual Freud beira o profético quando se pensa no flagelo nazifascista (embora, talvez, também ele pensasse no, então, nascente totalitarismo soviético), ocorrido alguns anos após, e ao que ocorre na atualidade, com o ressurgimento de formas de ação política que se imaginava estivessem seladas nas tumbas putrefatas da História. Desse modo, essa produção freudiana é uma cantoneira potente entre o individual e o social, com todos os efeitos que daí podem surgir, que é posta em diálogo com o espírito deste trabalho, se levarmos em conta, com as devidas especificidades, o eixo identidade/identitarismo.

De qualquer forma, no plano mais específico, Freud, na obra recém-citada, faz afirmação fulcral, posta na epígrafe deste trabalho, sobre o vínculo entre a identificação e a constituição de nossa subjetividade. Aqui a sombra do Édipo se faz impositiva, em todos seus desdobramentos e possibilidades, incluindo dinâmicas próprias e até idiossincráticas, arcaicas (de cunho canibalesco, como é essencial aqui), rompendo com o que sejam modismos ou percepções caolhas: nas famílias reais inca e egípcia, o casamento entre irmãos era obrigatório e, entre certos grupos

de fenícios, a iniciação sexual do filho era feita pela mãe! E isso, até hoje, no que toca à filha, em determinados grupos étnicos africanos, é feito pelo pai. A Lei, qualquer que seja, é lâmina à qual ninguém escapa e a cria humana, caso não receba os cuidados de um *Nebenmensch*, morre miseravelmente – a rigor, sequer nasce de fato para a comunidade dos humanos, sendo apenas uma promessa que não se cumpre.

Freud acrescenta, finalmente, duas outras modalidades de identificação, completando, no fundamental e no que aqui interessa, sua arquitetônica identificatória:

> segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal [abandonada], por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço. (1921/1974c, p. 136)

Continuando na busca por certas referências presentes na constituição da identidade, principalmente no que diz respeito a sua permanência, apresento, parcialmente, a posição de um contemporâneo de Freud, o filósofo Bergson (1859-1941), como trazida por Viana:

> Como a mudança ocorre o tempo todo, a cada instante, e ela é sempre incorporada, seja pelo objeto que dura, seja pela pessoa que dura, então o que somos é sempre resultado do que éramos mais o que nos tornamos; *o que somos, na verdade, é um constante devir*. (2010, p. 276, grifo nosso)

Não obstante o pensador francês traga certas ideias consistentes sobre o tema em discussão, elas não deixaram de receber críticas, principalmente no que se refere à ausência de algo mais específico sobre o mecanismo da constituição da identidade, ficando mais restrito ao seu aspecto descritivo. Isso, no entanto, não elimina a importância da contribuição de Bergson, principalmente ao que é ligado à apreensão da

dinâmica processual da identidade, tirando-a do que poderia ser uma certa imobilidade.

Em tempos mais recentes, temos Paul Ricoeur, que publica na França, no início dos anos 1990, o denso livro *O Si-mesmo como um Outro* (1991), trazendo sugestivas elaborações para a apreensão da identidade, especialmente ao que é relativo aos seus componentes e ao seu vínculo com a narrativa. Assim, ele apresenta a identidade pessoal como composta pela identidade-idem (mesmidade, ligada ao permanente) e a identidade-ipse (si-mesmo, ligada à mudança). Como um elemento ponte entre essas identidades, Ricoeur traz a identidade narrativa, que:

> mantém-se entre as duas [identidade-idem e aquela ipse]; tornando narrável o caráter [ligado à id. idem], a narrativa restitui-lhe o movimento, abolido nas disposições adquiridas, nas identificações-com sedimentadas. Tornando narrável a perspectiva da verdadeira vida, ele lhe dá os traços reconhecíveis de personagens amados ou respeitados. A identidade narrativa mantém juntas as duas pontas da cadeia: a permanência no tempo do caráter e a da manutenção de si. (1991, p. 196)

Essa operação, no essencial, seria sustentada pelo *Cogito*, partindo de Descartes, a quem o autor (Ricoeur, 1991, p. 28) atribui a criação de um "sujeito exaltado" (que corresponde, por sua vez, a um *Cogito* exaltado), portador/produtor de certezas extremas, e que se contrapõe ao "sujeito humilhado" (correspondendo a um *Cogito* igualmente humilhado, filho de Nietzsche), ligado ao desafio do encontro da verdade. Em meio a esses extremos, o pensador francês coloca um *Cogito*, digamos, "contido" que, por exemplo, por meio de uma "atestação confiável" (p. 35) autoriza o eu a produzir o conhecimento possível. E que, retomando um viés da dúvida cartesiana, é visto como um "Sísifo condenado a subir, a todo instante, o rochedo de sua certeza na contra-encosta da dúvida" (p. 20).

A questão fundamental trazida por Ricoeur, nesse contexto, é aquela da narrativa e sua função de produzir, de algum modo, um ancoradouro legítimo para uma "permeabilização" da identidade pessoal, por meio de

um "contar-se" por parte do sujeito, que pode, inclusive, utilizar-se da ficção. O pensador francês tem a preocupação, ao fazer sua proposta, de reforçar o papel da ética e da permanência do caráter, o que poderia, de alguma forma, garantir uma certa consistência à sua construção.

Entretanto, penso que a narrativa tem muito mais a função de viabilizar uma apropriação, por meio de um autoconhecimento, de aspectos novos do ser de si (com consequências que podem ser muito importantes) do que "mudança de identidade" – se de fato essa foi a intenção de Ricoeur. Assim, acho que, apesar da crítica que ele faz a Descartes com suas certezas categóricas, ele acaba, em seu ser Sísifo, pendendo, muito mais, para o "*Cogito* exaltado" do que para aquele "contido" – falta-lhe um pouco de Nietzsche!

Por outro lado, é mister dizer que a posição ricoeuriana, no que diria respeito a uma determinada "fluidez de identidades", ampliou o espaço para um forte movimento por parte de grupos identitários, ligados aos temas de gênero, como se verá mais adiante. Questões essas que se vinculam a outras (tanto no plano da identidade, propriamente dita, como no do identitarismo), como aquelas ligadas, mais especificamente, a etnias, grupos religiosos, nacionalidades, faixas etárias, condições patológicas de saúde (consideradas, às vezes, "parte" da identidade) etc., em um contexto de minoria ou não, que serão, de qualquer forma, apenas marginalmente abordadas/citadas no presente trabalho.

Identitarismo: panorama geral

O identitarismo, como movimento político focado no reconhecimento de direitos de pessoas de uma determinada identidade, seja ela qual for, com estratégias vistas, frequentemente, como radicais e exclusivistas, é considerado como tendo nascido em torno de um movimento de lésbicas negras americanas, nos anos 1970, nos Estados Unidos, sob a bandeira do *Combahee River Collective*. O nome desse grupo é uma homenagem à ativista escravizada americana Harriet Tubman, que comandou um combate às margens do Rio Combahee, na Carolina do Sul,

em 1863, no curso da guerra civil americana, que resultou na libertação de centenas de escravizados.

Ela foi ainda batedora e espiã do exército da União, sob a liderança política do Presidente Lincoln, e termina sua vida, praticamente, como militante das organizações pró direito do voto feminino. Sua trajetória de vida foi fortemente marcada, mas não obstaculizada, por um traumatismo craniano sofrido na juventude, provocado por uma barra de metal lançada por um capataz contra um escravizado em fuga, mas que acabou por atingi-la – essa, então, é a inspiração, carregada de simbolismo, para o considerado primeiro grupo identitário da contemporaneidade.

No entanto, o identitarismo, como fenômeno, deve ter a idade da humanidade. Basta citarmos que, já na Bíblia, há o relato sobre as tribos judaicas inimigas dos gileaditas e dos efraimitas, em que os primeiros, na conclusão de um combate vitorioso, para eles, pediam aos segundos que pronunciassem a palavra *shibboleth* (rio, feixe). Como os efraimitas pronunciavam "shi" como "si", característica do dialeto deles, eram facilmente identificados e, consequentemente, eliminados. Outro exemplo, dessa ordem, é o termo "bárbaro", originado de "bar-bar-bar", que era como os gregos antigos ouviam o som das línguas faladas pelos estrangeiros, que, evidentemente, não eram por eles compreendidas. De termo descritivo passa a ser claramente preconceituoso com o tempo, principalmente quando é adotado pelos romanos, que usaram e abusaram dele, em especial em relação aos povos germânicos. Uso, cujo eco, no geral, chega, fortemente, até aos nossos dias.

É importante que se veja o que, nos nossos tempos, constitui terreno propício para o germinar de certas formas de identitarismo, que, partindo de pautas justas e legítimas, com frequência deságuam em condições altamente controversas e contraditórias, cujos resultados são opostos àqueles inicialmente almejados. Ilustração trágico-cômica desse fato é a luta pela linguagem neutra, com o esquartejamento da língua e a criação de termos deploráveis como "todes" e assemelhados, numa espécie de dialeto sectário. Menos mal que esse processo agora é formalmente vetado em nosso país, no âmbito público – reparar injustiças não é criar privilégios! Adicionalmente, muitos dizem que a atual

onda reacionária que golpeia o mundo é, em grande parte, diretamente alimentada por estratégias radicais mantidas por grupos minoritários.

Diga-se, a propósito, que embora o movimento identitário seja frequentemente associado a grupos de esquerda, há muitos grupos de direita, e de extrema direita, que usam métodos muito particulares de ativismo, chegando, muitas vezes, à violência desmedida, de cunho nazifascista. Exemplo marcante disso, hoje, é, no Hemisfério Norte, o incendiar alojamentos de estrangeiros ou locais frequentados por eles. Ademais, falar mal de imigrantes, principalmente dos árabes e muçulmanos (ignorados no papel basilar que tiveram, em muitos aspectos, na cultura e nas ciências: na entrada do primeiro milênio, Hroswitha von Gandershein, abadessa, nobre e intelectual alemã, chamou Córdoba, capital do então Califado Omiada, de "Ornamento do Mundo"), nos países dessa região, é, frequentemente, o caminho mais curto para a obtenção do apoio de parcela significativa do eleitorado – neste momento, na Alemanha, a AFD, partido de claro viés nazista, detém o primeiro lugar nas intenções de votos!

Fator a mais, especificamente para aqueles considerados de esquerda ou progressistas, é a desorientação provocada pela Queda do Muro de Berlim, em 1989. Que se seguiu, em termos de uma busca extrema por sentidos, ao longo do século 20, ao infame pacto nazi-soviético dos anos 1930 (embora, posteriormente, o exército russo tenha tido um papel decisivo na contenção das tropas alemãs no leste europeu) e à divulgação dos crimes stalinistas, feitos em 1956, pelo próprio secretário-geral do partido comunista russo da época, Khrushchev.

Diante dessa desorientação, o que as esquerdas podem fazer dentro do que é humanamente possível, com a potência dos seus ideais, de suas forças agregadoras e de sua capacidade de mobilização e ação? Tenho a forte impressão de que há uma busca, ainda errante, por meios efetivamente legítimos, e eficazes, para que certas causas, igualmente legítimas, possam ter um destino diferente daquele que repetidas vezes têm tido – o fracasso! Não é mais possível não ver que "há um rei que está nu"…

Nesse contexto, de equívocos não intencionais, incluo, especificamente, certos grupos psicanalíticos, que no afã de participar e contribuir para justas mudanças, especialmente no campo social e dos direitos das chamadas minorias, usam estratégias apressadas e inconsistentes, renunciando a especificidades de nossa área. Assim, sem se darem conta, se travestem de sindicalistas, ongueiros e arautos de um mundo perfeito, e mesmo de políticos profissionais, quase que numa espécie de farra do boi, numa militância-frenesi ardente, obliterando, ou tentando, o papel daqueles que, por direito e competência específica, ocupam determinados lugares na sociedade no geral.

Paralelamente, não é incomum que haja uma espécie de abandono daquilo que é próprio da psicanálise e/ou de uma instituição que forma analistas, isto é, o estudo, a produção de conhecimento e a discussão/trocas em torno da clínica, nosso pão cotidiano, nossa razão de ser como profissionais. O que é um grave equívoco, uma lástima: qual paciente ou alguém interessado na formação em psicanálise nos procura para fazer uma iniciação em estratégias de lutas sindicais ou algo assim?

Não é incomum, também, que certas sociedades psicanalíticas se tornem, ou tentem se tornar, uma espécie de escritório carimbador de competências obtidas alhures, às vezes, sem ligação efetiva com nossa área: elas podem, sim, ser importantes em termos de uma agregação de conhecimentos plurais, integração de esforços e enriquecimento do diálogo interdisciplinar, mas não podem, por definição, substituir o que é insubstituível em nosso campo. E mesmo que isso, e os outros pontos recém-nomeados, passem formalmente por decisões majoritárias, não podemos/devemos esquecer que Hitler subiu ao poder democraticamente. E é cada vez mais comum, aliás, infelizmente, usar-se os instrumentos da democracia exatamente contra a democracia.

Isso não significa, absolutamente, que o psicanalista, dentro de seus interesses, disponibilidades e preparação não possa/deva participar das mudanças possíveis do mundo. Mas que o façam sem promover uma espécie de autoextermínio, ao abrir mão exatamente daquilo que

lhe é próprio, condição indispensável para junto, com os que podem e se sentem sensibilizados a respeito, ter uma participação diferenciada, como a rigor podem ter todos, em uma parceria fecunda e inclusiva. O contrário de posturas salvíficas, como se ser psicanalista significasse ter uma bala de prata para todos os males por mais sedutor que isso possa parecer. Há também a alternativa representada, por exemplo, pelo exercício formal da política, como alguns colegas fizeram, no Brasil e no exterior, e de maneira bastante exitosa: de uma maneira ou de outra, no geral, uma questão de identidade, de responsabilidade e de escolhas está aqui em jogo.

Nessa direção, de qualquer forma, entre as incontáveis questões do mundo que demandam mudanças/intervenções, temos um fato, escandaloso, envolvendo a comunidade trans de Brasília. Segundo Carone (2026), há condenados pela justiça que, buscando certos atenuantes previstos em lei, autodeclaram-se trans, mesmo sendo homens cis, e escolhem ser custodiados no Presídio Feminino Colmeia. Ali, muitos deles, segundo cartas de detentas dessa instituição, estariam criando um clima de terror, pois caso as mulheres trans se recusem a manter relações sexuais com eles, há constrangimentos, espancamentos e já teria havido até casos de feminicídio. Esse é um exemplo triste do espúrio em torno de algo que, em si, é justo e legítimo, mas que, dependendo do seu uso, transforma-se no oposto. E no caso da questão trans, com toda a complexidade que lhe é própria, apresenta-se de forma particularmente desafiante. Não obstante, pode ser também uma oportunidade para que uma justiça, efetivamente verdadeira (mas que pode ser dolorosa), seja feita a respeito: até a partir de atos e mobilizações genuínos, lúcidos, por parte de todos que se sintam sensibilizados/envolvidos e que unam, de fato, a práxis ao verbo…

Ancoragem para o identitarismo

Contudo, em termos mais específicos, pode-se apontar como terreno propício, e talvez privilegiado, para o radicalismo identitário, a

cultura do narcisismo na contemporaneidade. Na qual, em linhas gerais, há um encantamento pela imagem, uma sede pelo protagonismo e uma desafeição pela diferença e alteridade, em uma atmosfera de mal-estar informe. Essa atmosfera, evidentemente, envolve, em grande escala, pessoas distantes, formalmente, do identitarismo, sendo esse, assim, mesmo minoritário, a "ponta do diamante" desse processo, uma espécie de *outdoor* lampejante. Estimulado, em medida respeitável, pela mídia e meios eletrônicos, onde cada um pode se tornar um palco, buscando com sofreguidão *likes* em um exercício de competição à beira do desespero. Além do mais, a internet se apresenta também, conforme é sabido, com muita frequência, como um tribunal desapiedado, numa *jihad* devastadora, com a "lacração" se transformando em arma mortífera contra reputações e carreiras.

Nada disso, no entanto, elimina condições objetivas que demandam mudanças sócio-político-econômicas, mas cuja viabilização, muitas vezes, é tragada, ignorada, no ardor da busca por transformações, eventualmente quase revolucionárias, das lutas identitárias. Buarque (2026) faz uma crítica pertinente em torno dessa questão e levando em conta aspectos específicos da realidade brasileira, em artigo intitulado "A esquerda neoliberal", quando afirma:

> a esquerda neoliberal se concentra em lutas sindicais associadas a categorias profissionais na defesa de vantagens individuais imediatas, desde que beneficiem segmentos assalariados, mesmo que sejam supersalários que empobrecem o setor público e *retiram recursos de setores prioritários socialmente*. (p. 37, grifo nosso)

Ampliando esse foco, Lasch (2023), com seu livro *A cultura do narcisismo*, lançado em 1979, contribui de forma importante para a apreensão geral do aqui apresentado, mesmo que tenha como pano de fundo a sociedade estadunidense. Ele aponta, então, que:

> A sociedade capitalista moderna, além de dar proeminência aos narcisistas, provoca e reforça traços narcísicos em todos nós. Faz isso de muitos modos:

> exibindo o narcisismo com grande destaque e de forma atraente; corroendo a autoridade parental e, assim, dificultando o crescimento dos filhos; mas, acima de tudo, criando diversas variedades de dependência… Essa dependência, cada vez mais disseminada em uma sociedade tão paternalista quanto maternalista, torna cada vez mais difícil para as pessoas pacificar os terrores da infância e desfrutar dos consolos da vida adulta. (p. 355)

Essa posição pode ser articulada e ampliada, por exemplo, com aquela de Berman (1986) que, em sua magistral obra "Tudo que é sólido desmancha no ar", diz, em relação a certas características da modernidade:

> [que] brotam dos movimentos e pressões da vida econômica: de sua incansável e insaciável demanda de crescimento e progresso; *sua expansão dos desejos humanos para além das fronteiras* locais, nacionais e morais; *sua pressão sobre as pessoas no sentido de explorarem não só aos outros seres humanos mas a si mesmas*; … a impiedosa e a interminável destruição de tudo e todos os que a moderna economia não pode utilizar… *e sua capacidade* de explorar a crise e o caos como trampolim para ainda mais desenvolvimento, *de alimentar-se de sua própria autodestruição*. (1986, pp. 117-118, grifo nosso)

Pouco provável que haja uma apreensão mais sugestiva de certos aspectos da modernidade e que ecoam, com vigor, na contemporaneidade, abrindo uma miríade de possibilidades de apropriação, leituras e expansões. Nessa linha, Roudinesco (2022), em *O eu soberano* (pp. 22-23), faz uma conexão, digamos, tanto com Berman (pela dinâmica, às vezes, de cunho delirante e suicida do mundo moderno) como com Lasch, dizendo que o pensador americano teve o "grande mérito", ao observar os americanos da penúltima década do século passado, de ressaltar que eles, em certa medida, eram acossados pelo "grande fantasma da perda da identidade", diante do esvaziamento da luta política, agravado pela Queda do Muro.

Por conseguinte, houve como que a construção de uma solução de compromisso com a imersão dos sujeitos numa certa vitimização, com o "perpetrador" podendo ser, por exemplo, um acidente nuclear ou um desastre ecológico, mas também um vizinho judeu, árabe, negro, transgênero, numa escala quase infinita, fazendo "como se toda luta devesse ter por objetivo a preservação de si". Em sequência, então, "a cultura identitária assumiu progressivamente o lugar da cultura do narcisismo e tornou-se, neste mundo fluido que é o nosso, uma das respostas ao enfraquecimento do ideal coletivo". Faço, porém, uma ressalva a respeito dessa última afirmação, ou seja, a rigor, o identitarismo não substitui a cultura do narcisismo, de fato, mas estabelece com essa uma espécie de cooperação, em uma condição de alimentação e reforço recíprocos.

Barros (2024), em seu interessante livro *O que é o identitarismo?*, mesmo com certos excessos, afina o foco em torno da questão identitária, ao assinalar que, em grande medida, há uma espécie de cooptação do identitarismo pela economia neoliberal, a atual face do capitalismo, em um movimento que, dentro de alguns limites, encanta muitos, tantos da esquerda como da direita. Frisa o autor que o neoliberalismo é fruto das elaborações de seu arauto-mor, o austríaco Friedrich August von Hayek, em torno do tempo da Segunda Guerra, e que encontrou em Margaret Thatcher, nos anos 1970/80, sua encarnação paradigmática, mas com efeitos que repercutem, com toda força, nos dias de hoje.

Esse autor (2024) vê Hayek, até mesmo com base em sua trajetória de vida, como assombrado pelos totalitarismos nazifascista e comunista, e assim ele teria sido estimulado a criar um antídoto radical a essas condições. Com uma ênfase quase absoluta na diluição do estado versus o fortalecimento do privado e de seu corolário maior: o mercado! No entanto, acredito que ao fazê-lo, legitima, ironicamente, um novo totalitarismo, que é, justamente, essa crença, quase fanática-religiosa, nos poderes do lucro e da livre iniciativa, sintetizada na figura quase caricata, mas extremamente sedutora, do eu-empresário/empreendedor, que faz tanto sucesso nos dias de hoje.

Em um certo sentido, se pode ter uma visão sintética do essencial da posição de Barros, quando ele diz:

> o identitarismo é a imposição de uma engenharia social, organizada a partir da logística e da gestão, que coloca as identidades na mira da administração como forma de policiamento. Assim, a potencialidade desses movimentos é minada pelo capitalismo identitário justamente porque ele "ressignifica" as identidades historicamente excluídas do processo de modernização para tratar suas demandas com eficiência, impedindo o tensionamento político impróprio às relações de mercado. (2024, p. 28)

O autor reforça sua posição, afirmando, em relação à apropriação da alma, poderíamos dizer, dos movimentos libertários pelo neoliberalismo, que faz com que "o engajamento dos indivíduos … deve ser incitado, contra os outros, abrindo espaço para *a guerra civil latente que aos poucos toma o tecido social*" (p. 30, grifo nosso). Dinâmica que se expressa e se amplia, por exemplo: "com retornos apaixonados às diferentes formas étnicas e religiosas, que operacionalizam uma lógica fascista, e com *a proliferação de ressentimentos internos, que acaba por forjar uma luta de todos contra todos.*" (p. 152, grifo nosso)

Exemplos flagrantes desse processo, em certos contextos, são a luta quase sangrenta entre determinadas correntes do feminismo e as mulheres trans; a reação da deputada trans Erika Hilton, ao reagir a críticas que lhe foram dirigidas por algumas mulheres, por ter sido eleita presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher da Câmara dos Deputados, chamando-as de "imbecis" e o fato constrangedor (para dizer o mínimo), ocorrido há alguns anos no sul do Brasil. Na ocasião, em plena "querela dos turbantes" (na batalha contra a "apropriação cultural", só os negros poderiam usá-los), quando uma mulher negra avista, na rua, uma mulher branca usando essa peça, a interpela, dizendo que ela não tinha direito de fazer aquilo. Ao que a outra respondeu, arrancando o turbante e mostrando sua cabeça devastada por um tratamento oncológico: "quem tem câncer, pode?" – as cinzas do Velho da Berggasse, tendo em vista o colocado por ele sobre o narcisismo das pequenas diferenças (1930/1974a), devem ter sofrido, no mínimo, um abalo…

Transexualidade e alguns aspectos históricos

Consequentemente, no terreno, "devidamente" adubado do narcisismo versus identitarismo, vai aparecendo, com vigor crescente, nas últimas décadas do século passado, seu fruto mais distinto, da ordem do extraordinário: a transexualidade. A identidade de gênero divergente do sexo biológico, como designado/constatado no nascimento, com intervenções hormonais-cirúrgicas ou não, tornou-se a bandeira mais fulgurante do identitarismo.

Isso, no entanto, não elimina o fato de que, a rigor, essa questão atravessa, também, a história do humano. A grande diferença, em suas manifestações atuais, é a presença de tecnologia médica específica (medicações/cirurgias), que permite intervenções radicais no corpo, ao lado, claro, de todas as novas condições de cunho sociocultural e psicológico, anteriormente elencadas.

Assim, já na Mesopotâmia, há 4/5 mil anos, havia sacerdotes, os *galas*, que, em razão de suas funções religiosas, assumiam papéis bastante associáveis ao feminino. Nessa linhagem do religioso, tornou-se, então, bastante comum a presença de homens assumindo um perfil usualmente atribuível às mulheres, como no mundo greco-romano, em numerosas tribos (como os *two-spirit* da América do Norte) e em religiões de matriz africana, como no candomblé. Ao lado, evidentemente, da presença de transexuais, em contextos outros, como as *burrneshas* nos Bálcãs (em certos momentos, famílias sem filhos homens faziam com que uma menina "virasse" um menino); os *hijras* na Índia e os *mahus* no Taiti, existentes até hoje; assim como as crianças/adolescentes bailarinas trans, os chamados *bachas bazi* no Afeganistão e os *onnagatas* no Japão, atores homens dedicados exclusivamente a papéis femininos.

Notável é o caso dos eunucos na antiga China e no império otomano, onde chegaram a ocupar cargos da mais alta relevância. Como o do almirante chinês que, com sua frota, chegou à região de Zanzibar (costa oriental africana), em plena Idade Média e por pouco, então, não se antecipou, por muitos anos, a Bartolomeu Dias no que foi a circunavegação do Cabo da Boa Esperança. E, no campo musical, temos os

castrati, que fizeram a glória de compositores por séculos, com suas consideradas "vozes de anjo". É dito que Napoleão Bonaparte, que proibira a emasculação das crianças, ao ouvir um castrado em um concerto em Veneza foi às lágrimas e, em ato de reconhecimento e admiração, repassou a ele a mais alta condecoração que recebera na Itália.

Resta a questão em quais dessas situações há ou não um desalinhamento entre vivência de gênero e o sexo biológico, tendo presente que, muitas vezes, havia/há, nesses contextos, uma violência imposta ou condicionantes importantes de ordem econômico-cultural. Mas a realidade é que, após a produção de certos fatos, irreversíveis, as pessoas têm, de qualquer forma, que lidar com consequências igualmente irreversíveis.

O que não é passível de dúvida, uma verdadeira "joia da coroa" nesse campo, é o caso do romano Heliogábalo, sacerdote de uma deusa síria, que, por reveses da História, acaba como imperador da maior potência jamais existida. Ele, entre outras coisas, não só se vestia de mulher e exigia ser tratado como tal, como se casou com um seu escravo (que o espancava com frequência e Heliogábalo exibia em público os hematomas resultantes) e, se diz, oferecia a metade de sua fortuna para um médico que, porventura, conseguisse dotá-lo de uma vagina! Tudo isso deve ter favorecido para que fosse assassinado com apenas 18 anos. Aliás, recentemente, um museu inglês decidiu que todos os registros e referências relativos a Heliogábalo fossem alterados para o gênero feminino, no que seria uma reparação histórica, um cumprimento de um desejo dele, mesmo que com um atraso de quase dois mil anos…

Transexualidade nos tempos atuais

De qualquer forma, como já assinalado, a transexualidade atingiu um novo status nas últimas décadas, tendo como seu momento inaugural, digamos, como processo, fato um pouco mais recuado no tempo: a finalização, em 1931, em Berlim, da primeira cirurgia de redesignação sexual do mundo, realizada em Dora Richter. A isso seguiu-se, em 1949, a criação do termo "transexual" pelo psiquiatra americano Cauldwell; do termo "gênero" (no sentido contemporâneo), em 1955, pelo psicólogo

e sexólogo neozelandês Money; da expressão "identidade de gênero", em 1964, pelo psiquiatra e psicanalista americano Stoller, e do termo "transgênero", em 1965, pelo psiquiatra americano Oliven. Embora tenha havido outras contribuições nessa área, algumas até pioneiras, foi com base no recém-exposto, que a transexualidade tomou fôlego e foi se tornando o fenômeno, como nós o conhecemos hoje.

Nesse sentido, Stoller (1993), no livro seminal *Masculinidade e feminilidade: apresentações do gênero*, publicado em 1968, abre uma página, ainda em aberto, sobre o estudo e abordagem da transexualidade: várias contribuições fundamentais são apresentadas/ampliadas nessa obra, como identidade nuclear de gênero, feminilidade primária, papel da família, assim como intervenções clínicas, incursões na antropologia etc. Portanto, mesmo que certas posições stollerianas sejam objeto de críticas (como a substancialidade/essencialidade da identidade nuclear e sua recusa em aceitar o que seria mudança de sexo, que ele escrevia entre aspas), elas constituem um dos pilares das discussões sobre gênero, ao lado, considero, daquelas da Butler e da Saketopoulou, como aprofundarei abaixo, sem diminuir o valor de muitos outros estudiosos dessa questão.

Por outro lado, Stoller, pelo seu empenho, curiosidade, amplitude de interesses e abertura, conceitual e clínica, na abordagem da questão trans (envolvendo, muitas vezes, pessoas marginalizadas e vítimas de sofrimentos extremos) é, no que concerne à psicanálise, uma figura de proa em termos de uma liberdade de pensamento e ação. Contrasta, então, com aquilo que é apontado por Bulamah & Kupermann (2016) a respeito de psicanalistas que, desde a década de 1970, consideram a transexualidade, no essencial, como expressão da psicose ou da perversão. O que reproduz, de certa forma, as relações que alguns psicanalistas mantiveram com a homossexualidade. Os autores recém-citados ilustram essa posição, trazendo nomes como Limentani, Oppenheimer e Stein. Acrescentam que somente, em torno da virada do século e entrada neste milênio, autores como Quinodoz, Hansbury (analista trans) e Saketopoulou foram promovendo uma mudança na forma que a psicanálise passou a conceber e trabalhar com os transexuais.

No meio tempo, aparece, com a natureza de um raio, a filósofa americana Butler, trazendo concepções bastante controversas sobre os pontos envolvidos na questão trans, sintetizado na autonomia quase absoluta que ela atribui ao gênero em relação ao biológico, numa performatividade onipotente, permeada pelo sociocultural. Desse modo, afirma, em seu livro-manifesto (2018), publicado originalmente em 1990, *Problemas de gênero*: "não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* construída, pelas próprias 'expressões' tidas como seus resultados" (p. 44, grifo nosso). Diante de certas críticas por essa "suspensão" do gênero em relação ao corpo, ela escreve um novo livro (2019), publicado, pela primeira vez, em 1993, *Corpos que importam – os limites discursivos do sexo*, onde procuraria dar um reconhecimento maior ao orgânico, como ela mesma informa no prefácio do livro. Nele, Butler, afirma:

> Mas como… a noção de performatividade de gênero se relaciona com [a] concepção de materialização [dos corpos]? Em primeiro lugar, a performatividade deve ser entendida não como um "ato" singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio do qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia. O que espero que fique claro… é que as normas regulatórias do "sexo" trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos, e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual… (p. 21)

A emenda saiu pior que o soneto! Pois, Butler reforça a dinâmica, digamos, lamarckista em sua defesa de um gênero prêt-à-porter, em que bastaria "discursar para criar"? Isso provocou inúmeras críticas, como aquelas sustentadas por Levy (2019), ao dizer, que tal dinâmica nos leva a pensar "que nos aproximamos … da força criadora do verbo divino." (p. 10). Ele remata sua posição, dizendo:

> o radicalismo "revolucionário" das teorias do gênero [das quais a Butler é a papisa, pontuo], portadoras de um desejo de reconhecimento das diferentes formas de homossexualidade e transexualidade, representa ao mesmo

> tempo uma corrente bem mais reacionária que consiste em pensar que sempre somos senhores em nossa própria morada psíquica. No entanto, foi exatamente isso que a psicanálise denunciou de maneira revolucionária ao apontar a conflitualidade inevitável, inerente à psique, decorrente do recalque necessário para conter a intensa excitação provocada pelo sexual infantil … [que] se deixa tratar muito pouco pelo social, e a ideia de uma total liberação sexual sem conflito demonstra, acima de tudo, a fantasia de uma onipotência egoica. (p. 11)

Acrescenta, especificando, que a higidez do psíquico, passa pelo "reconhecimento dos desejos em jogo e em conflito, e não sua recusa". O que pode ser a intenção, penso, mesmo não explícita, daqueles que tentam expurgar do corpo, ou da mente, o que é sentido como "não enquadrável" e, assim, anestesiados pelo não saber efetivamente de si, partem para a mutilação, para o matadouro.

Richard (2019) reforça esse posicionamento, afirmando:

> A cultura contemporânea alimenta-se na fonte do polimorfismo sexual de origem infantil para fabricar novos ideais, uma estética espetacular e discursos sobre o múltiplo e a alteridade – o que Paul Denis teoriza como "narcisismo polierótico" (2013b)… a palavra-chave é *identidade, mas não há identidades, só há sentimentos de identidade.* (p. 26, grifos do autor)

Especifica o autor, também, um ponto muito curioso da atualidade, ou seja, que em paralelo a uma liberação tão extremada das práticas sexuais, o interesse pelo gênero se cruza com uma "dessexualização do sexual", em aparente paradoxo, considero, mas que pode se ancorar, por exemplo, na ênfase que Butler reserva ao simbólico, abandonando a tangibilidade da carne: talvez por essa trilha se chegue aos assexuais, ou pelo menos aos assim autodeclarados, em sua ascética, e muito particular, "dieta".

De qualquer forma, em termos mais específicos, Butler lança pontes, mesmo involuntariamente, na direção de Ricoeur com seu conceito de identidade narrativa (acima apresentada) e o que isso pode

representar em termos de uma apreensão das modulações da identidade e a transexualidade. Ao menos para vários autores, também, que entendem ser essa conexão consistente e tentam dela se apropriar, diferentemente da própria Butler, que parece ver isso com reserva, até onde tenho conhecimento. Pessoalmente, vejo essa possibilidade como a contribuição maior da Butler.

Nesse cenário, apresenta-se de maneira incomum, a psicanalista greco-americana Saketopoulou (2014) seja pela deriva clínica, seja pela escuta sensível e sintonizada emocionalmente (ilustrada pelo tratamento de uma menininha de 5 anos, considerada trans), seja por certas elaborações que faz. Entre essas, está sua defesa do tratamento dos trans não focado no sintoma, mas como a possibilidade de lidar-se com a realidade subjetiva dos mesmos, o que significa tratá-los dentro do que lhes é específico e não para curá-los – o que, a rigor, é o desejável para qualquer paciente, mas que, com frequência, foi negado aos gêneros divergentes.

Afirma, igualmente que os meninos trans chamam bem mais a atenção do que as meninas na mesma condição, reforçando, ressalto, as diferenças quase que cristalizadas, apesar de todas as mudanças, entre como se vê as variações sexuais de homens e aquelas das mulheres. Ela fala, ainda, de "persistentes" e "desistentes", pacientes que mantêm a intenção de se submeterem a uma intervenção médica e aqueles que renunciam a isso, ressaltando o fato de que em determinadas situações não é uma condição de distúrbio psiquiátrico que leva à condição trans, mas exatamente o contrário. Mas ao mesmo tempo, entende ser fundamental que o paciente possa aceitar que teve/tem uma genitália oposta àquela desejada, para que, por meio desse reconhecimento, possa elaborar o luto pelo abandono dela: persistir na negação disso, pode ser o caminho para a psicose, pontua com ênfase. Esse ponto é, provavelmente, o mais importante trazido por Saketopoulou.

Encerra, na prática, sua apresentação do caso da menininha, descrevendo o fato de que, em determinado momento, a paciente levanta a saia, deixando que fosse visto o volume do pênis sob a calcinha – até então, o simples falar da existência do seu pênis, era rechaçado

frontalmente, com laivos de desespero. A possibilidade da elaboração do luto foi construída!

A analista traz também o caso de um adulto que, em momento que começa a duvidar, em certo sentido, da autodeclaração de ser mulher, diz: "Se eu dissesse que sou um canguru, isso me faria um canguru?" (2014, p. 787), em ilustração, mesmo involuntária, e parcial, de um caso de *therianismo* (fenômeno relativo ao ser "meio-humano, meio-animal", que acometeria algumas pessoas). É uma nota quase cômica em um tratamento difícil, e doloroso, que viabiliza, finalmente, ao paciente dar-se conta do que sempre esteve posto, mas era negado. Isso é um dado a mais trazido por Saketopoulou, que evidencia sua forma de trabalhar e nomear a dinâmica que observa, investindo, inegavelmente, numa maneira psicanalítica de tratar os trans, vendo-os em sua singularidade e sofrimento próprio, e não como "exemplares" de uma classificação desrespeitosamente desumanizadora.

Transexualidade: últimas considerações e contribuição pessoal

Para termos uma visão que possa ser mais fecunda e justa, e menos partidária, menos sectária, sobre a transexualidade, é incontornável um retorno a Freud. Ele, em "Três ensaios sobre a sexualidade" (1905/1974d), traz posições que têm um valor fundante sobre o tema, principalmente aquela sobre a bissexualidade e sobre a polimorfia perversa. Que embora, canonicamente, atribuída à criança, nos habita para sempre, dentro da própria leitura freudiana, até porque saímos da infância, mas a infância não sai de nós… De qualquer forma, esses dois conceitos, permeados por aquele do desejo, uma busca por algo que, a rigor, nunca existiu, mas que nos constitui (e nos mantém!) como sujeitos, constituem também instrumentos medulares para a apreensão da dinâmica transexual.

Além disso, como é notório, e já ressaltado, o ardor, quase jacobinista, das lutas identitárias (e não só) das últimas décadas também não poupou Freud, até por outros motivos, ou pretextos, e certamente até por justas alegações, como aquelas ligadas à sexualidade feminina.

E, talvez, nesse sentido, ponto fulcral, e equívoco, é a ideia de que podemos "escolher" o que queremos ser e não escolher o que fazer com o que somos, com o que podemos ser, com o que conseguimos saber do que somos. Ou seja, o inconsciente não pode ser eliminado, sob pena de nossa própria eliminação como humanos: o ego continua não sendo senhor da própria casa! Essa tentativa de assassinato do inconsciente, amplamente ligada à cultura do narcisismo e às novas tecnologias médicas, como também já aqui assinalado, resultou, no campo das identidades, especificamente daquela de gênero/sexual, numa pretensão, digamos, de refundação do humano, dados os estreitos vínculos entre a identidade sexual e aquela subjetiva. Isso não exclui, absolutamente, situações próprias onde intervenções, da ordem do concreto, possam se impor, na busca legítima por uma justiça que foi, digamos, negada pela natureza.

Evidentemente isso, no seu conjunto, resultou em uma polêmica de enormes proporções, já parcialmente aqui apresentada e agora retomada a modo de conclusão destas reflexões. Pode-se supor que o ponto importante é o papel dos pais (pra variar!), especialmente da mãe, não na gênese exatamente, mas no favorecimento da emergência da dinâmica transexual. Quando a criança não encontra no espelho dos olhos/na janela da alma de seus cuidadores um interesse/encantamento pelos seus emblemas sexuais, inscritos na flor da pele e, assim, também não recebe cuidados permeados por esse júbilo, ela pode se sentir objeto de uma "cantiga de escárnio" (em vez de ninar), de uma crítica por incompletude ou por ser portadora de um aleijão, de um malfeito.

É importante que se tenha presente, nessa direção, que a criança, ainda feto, vai se exercitando, se ocupando, se gratificando, com certas funções corporais. Que se dão por determinados meios, onde orifícios e protuberâncias do corpo, ligados incipientemente ao sexual, como à autoconservação, têm um papel crucial. E que serão incontornavelmente os mesmos, óbvio, disponíveis (e utilizáveis), no pós-natal, para si e para o outro (Nepomuceno, 2005).

Portanto, quando a criança encontra de fato o outro, quando esse já é identificável, ela se apresenta portando seus pequenos/grandes tesouros, reconhecíveis, nessa qualidade, por ela, e nos quais os genitais, e o prazer

deles obtido, já é um patrimônio valioso, e vivenciado como tal. Ela é um pequeno Rei Mago que, em vez de portar ouro, incenso e mirra, porta, como dom, si própria e que, em sua nudez pagã, se sente sobejamente ataviada só com suas insígnias corporais. Isso se dá em uma cena de pungência e sedução, onde o bebê se orna de um olhar faminto de mundo, e de braços e pernas abertos em busca de amplexos: após nove meses de esponsais, onde o bebê pode ter se sentido, também, verdadeiramente acolhido e amado, digamos, ele está pronto para as núpcias!

Dessa forma, se essa promessa não for cumprida, se o pequeno infante ou a pequena infanta não recebe uma bênção por parte daqueles que lhe são progressivamente objeto de amor, e de toda credibilidade, cai em desnorteamento (em ressonância, em determinado plano, com o desnorteamento e conflito dos pais/cuidadores, conforme ressaltado abaixo), se sentindo vítima de um autoengano. E, assim, a decepção, em grande medida, não é com o outro, mas com ele/ela mesmo/a. Por conseguinte, é natural, digamos, que a criança passe a desejar "consertar o defeito", de forma a restaurar/criar, de alguma forma, um sentido e uma legitimidade para seu ser e seu estar no mundo, principalmente no que isso é permeado pela relação com o outro (essa hipótese demanda modulações se a criança apresenta alguma condição vinculada à intersexualidade). Encontro ecos do que é aqui colocado em Aulagnier (1985), quando ela diz:

> As manifestações da vida somática do bebê comoverão a mãe; as manifestações dessa emoção modificarão esse meio ao qual o bebê reage e, em consequência, os efeitos do mundo sobre sua vida psicossomática. É aqui que reside a importância do componente somático da emoção: a relação da mãe com o corpo do bebê comporta, inicialmente, uma parte de prazer erotizado, permitido e necessário, que ela pode ignorar *parcialmente*, mas que constitui o fundamento da *ancoragem somática* desse amor que ela possui pelo corpo singular do filho, amor que, longe de ignorar, ela está pronta a clamar. (p. 134, grifos no original)

Mas como pode uma mãe, eventualmente, enlutada, deprimida, solitária, decepcionada com a chegada de uma menina, quando desejava um menino, ou vice-versa (ou por não desejar filho algum ou por sentir-se em dificuldade para cuidar dele), rejubilar-se com um evento que pode encarnar, no âmago, derrota e frustração, e que pode, ainda, ir além do que seja reação ao sexo biológico do bebê? Não seria da ordem do humano, embora muitas possam, em tese, lidar exitosamente com essa condição.

Quando isso não é viável, não será uma surpresa que filhos/as vivendo sob uma espécie de condicional, desejem, de alguma forma, uma libertação de um corpo vivenciado não como meio de gratificação, realização e obtenção de prazer, mas como um "Leito de Procusto", memória viva de uma orfandade arcaica. Diga-se que embora o essencial do aqui descrito ocorra em torno do nascimento biológico, outros "nascimentos" poderão ocorrer, enquanto houver plasticidade e permeabilidade, seja em que sentido for, na construção/consolidação da identidade da criança, assim como nas flutuações dos interesses e investimentos emocionais de quem dela cuida. Em um processo que pode questionar não somente o sexo em si, mas a própria condição e valor da criança como sujeito, em seu direito básico de existir e de existir como é, dentro do já apresentado sobre o vínculo entre as identidades sexual e subjetiva.

Isso não significa, de forma alguma, que todos/as que demandam o que seria um alinhamento entre gênero e sexo anatômico, devam submeter-se a intervenções médicas. Pelo contrário, pois se houver um justo acolhimento dessas pessoas, no plano terapêutico e das relações sociofamiliares, em muitos casos acabam dispensando manobras heroicas, com muitos, progressivamente, dando-se conta, por exemplo, que são homossexuais. Esse acolhimento tem o sentido também de identificar o que pode ser situações de modismo e glamourização, em efeito manada ou não, e, mais importante, pessoas portadoras de distúrbios psiquiátricos/emocionais de monta.

Isso pode afastar-nos, consequentemente, de "novos Irãs", já que, no Irã seriam, por exemplo, extremamente perigosas as expressões homoafetivas, principalmente entre os homens. Pois como esse país

propagandeia não ter homossexuais, alguém que suscite suspeitas a respeito, é, com base no conceito da "alma no corpo errado", obrigatoriamente submetido à cirurgia de redesignação sexual para que, então, a "alma tenha o corpo certo". Mesmo que isso seja razão para quadros depressivos graves ou até mesmo para suicídios.

Contudo, no processo de encaminhamento das demandas dos interessados em/necessitados de uma redesignação sexual, os pais, no geral, também devam ter suas experiências terapêuticas. Inclusive porque, alguns, sentem que ter alguém trans na família é menos desastroso do que ter alguém homossexual, apesar de toda mudança que houve, em termos de tolerância, em relação a essa condição. Assim, no caso, o ser trans seria para quem?

Sem falarmos que a dinâmica trans, e a sexualidade no geral, com todas suas variáveis, pode provocar/revelar tormentas emocionais nos familiares, como trazido por Quinodoz, citada por Bulamah & Kupermann (2016), quando ela percebe que mais do que um seu paciente era o pai dele que queria "virar mulher". A isso some-se a questão emocional própria de pais que, por anos, às vezes, têm que acompanhar as vicissitudes e reviravoltas de um processo de consolidação da identidade de gênero de um/a filho/filha, o que pode ser algo muito gravoso. Uma "solução rápida" para esse impasse pode ser sentida, no mínimo, como um alívio.

Ponto adicional, mas extremamente relevante, é o das crianças consideradas trans. Aliás, acho inadequado o uso do termo "trans" para elas, que podem ser nomeadas, em alternativa, como, por exemplo, "em condição trans". Isso porque comportamentos trans em crianças são extremamente frequentes, mas seria desrespeitoso e lesivo a um processo de descoberta e apropriação ligado à sexualidade se isso já fosse considerado como algo definitivo em termos de identidade de gênero. E seria criminoso se essas crianças fossem submetidas a intervenções médicas visando a consolidação de um determinado perfil sexual, que, de fato, elas ainda não possuem.

Alguns argumentam que pode ser motivo de sofrimento, desnecessário, para as crianças ficarem em uma espécie de limbo, esperando

até que determinadas variáveis, importantes para uma maior clareza da situação de gênero, sejam conhecidas. Argumento que pior seria para elas ficarem alijadas de uma decisão que, a rigor, terá consequências no resto de suas vidas. Esperar a "idade da razão", quando a criança pode ter uma clareza suficiente para participar da escolha possível, é essencial. No meio tempo, é fundamental também que a criança possa se sentir suficientemente livre para experimentar-se em relação ao que conta sobre a questão, tendo o devido acompanhamento terapêutico, assim como os pais, como já assinalado. Portanto, que a chegada da puberdade/adolescência possa ser um momento de clareamento e de construção, se for o caso, de novos caminhos e não de um tormento, como muitas vezes acontece.

Cito, em torno disso, o caso de John/Joan (Roudinesco, 2022), menino que teve o pênis praticamente destruído em uma circuncisão mal executada, sendo, então, submetido a uma castração total. Pois segundo Money, que o acompanhava, ele, passando a ser cuidado como uma menina, "viraria mulher". Ele, porém, na adolescência, passou a ter comportamentos considerados incompatíveis com os de uma menina e, sabedor de sua história, passou a exigir, de forma peremptória, que lhe fosse devolvido o que dele tinha sido extirpado. Foi feito o possível em termos da reconstituição de sua genitália, mas sua alma estava mutilada irremediavelmente, e, anos depois, ele tira a própria vida, quase em um sacrifício-homenagem ao que de tão precioso lhe fora tirado antes? Esse caso lembra, de forma trágica, o tripé que funda a nossa identidade sexual/de gênero, constituído pela dimensão da biologia, do psíquico e do sociocultural: atentar contra esse delicado balanceamento é atentar contra a sanidade e, em última instância, contra a própria vida.

Essa situação suscita outra, bastante comum nos nossos dias, a dos chamados assexuais e fluidos. Que haja pessoas que se sintam assim é incontestável, até porque elas afirmam/defendem isso com ênfase e entusiasmo, mas que haja correspondência entre essa afirmação com alguma coisa no mundo é outra questão. Ou seja, essas pessoas são obrigadas a lidar com o corpo que têm, aliás, como todos nós. O corpo "não aceita desaforo" e, assim, após uma/duas intervenções cirúrgicas, em torno dos

nossos orifícios e protuberâncias, certas situações ficam definidas para sempre (o uso de medicamentos traz, claro, uma certa flexibilidade a isso), até por questão de sobrevivência física, *tout court*. O que abre, reforça, por outro lado, o campo infinito da fantasia e do desejo!

Nessa linha, fala-se, por exemplo, que existiriam 52 gêneros, chegando-se até a 72 em algumas contagens. Eu diria que existem, potencialmente, 8 bilhões de tentativas de apreensão/construção de identidade de gênero, correspondendo ao mesmo número de habitantes de nossa velha Terra. Ou seja, cada um pode se sentir e fazer com isso o que desejar/puder, dentro de suas competências e possibilidades, mas dentro, igualmente, daquilo que é ditado pelo corpo, que, diga-se, é muito "afeiçoado" ao binarismo. Em certo sentido, o corpo admite apenas uma variação decisiva de fato, representada pelos transexuais que se submetem a uma série de alterações corporais, mas que, com certa frequência, não tocam nos genitais: aqui, sim, temos uma espécie de terceiro sexo! O resto, não raramente, fica no âmbito da "maquiagem" e da imitação.

Além do já dito, sobre condicionamentos para o surgimento da transexualidade, acho importante um novo aceno a Lasch (2025), com suas considerações sobre o narcisismo, ligando-as ao exposto por Han em seu livro *Sociedade do cansaço* (2025). O filósofo coreano aponta, com ênfase, que estaríamos vivendo o tempo da "positividade", na qual mostrar-se com questões não performadas, ou tendo dificuldades, é o caminho para a vergonha e o isolamento, para o fracasso, em certo sentido. Penso que, por caminhos oblíquos, podemos invocar também Butler (2018 e 2019) com seu conceito de performatividade, mas agora traduzido em algo específico, ou seja, no sentido das transformações corporais estruturais, demandadas pelas pessoas no plano da transexualidade.

Embora, claro, exista uma diferença entre aquelas que buscam, genuinamente, encontrar/construir "um corpo para a alma" e aquelas que procuram fazê-lo por equívoco. De qualquer maneira, em ambas as situações, pode haver uma dimensão de "produção e performance", características, em grande parte, da sociedade do espetáculo e da imagem na qual vivemos hoje, onde "produzir identidades" pode fazer parte

também do "show", em uma dinâmica permeada pela indiferença, por algo anestesiante: aliás, em grego, os termos "Narciso" e "narcótico" têm a mesma raiz. Em "Paris é uma Festa", Hemingway fala de cavalos que, dopados, corriam até à exaustão/morte, indiferentes ao fim da corrida…

De qualquer forma, não podemos negar que as identidades não possam assumir novas configurações, até em função de descobertas e apropriações de nós mesmos. Mas isso não significa, de forma alguma, que deixemos de ser o que somos, não nos reconhecendo nesses movimentos, preservando dessa maneira, mesmo com flutuações, a nossa "linha de continuidade do ser". Aqui Winnicott tem papel axial, que associo ao que é atribuído a Heráclito que teria dito que "Ninguém entra no mesmo rio duas vezes": assim, somos nós, o rio; mas as nossas expressões de identidade podem ser as águas, em movimento e renovação.

Os transexuais podem nos parecer estranhos e singulares, mas eles também nos fascinam e nos representam, de alguma forma. Porque, em sua errância na carne, por motivos considerados legítimos ou não, com movimentos audazes, eventualmente temerários, eles podem ser vistos como "regidos" por uma Lei anti-lei. Guardiães de um atalho misterioso para a plenitude, para a negação da diferença, flertando com o impossível: a eles seria franqueado o acesso ao objeto perdido, núcleo de aço do desejo. Reservando, para os outros, a condição de mendicantes, na busca de algo que nunca existiu, em uma peregrinação na insânia: o desejo, por definição, não pode ser extinto, mas as tentativas para acossá-lo nos seduzem, ao mesmo tempo que nos desassossegam! Nessa direção, finalizo com as palavras usadas em uma reflexão há 25 anos:

> De qualquer forma, todos nós, independentemente de comportamentos e fantasias sexuais, seremos, em nossa busca de completude, inevitavelmente vergastados pela desilusão e, inevitavelmente, tentaremos uma vez mais, a cada avatar do desejo, ultrapassar os rubros pórticos que guardam a terra prometida: isso é vida.
>
> No entanto, há uma fronteira-lâmina, nesse *ludus*, a marcar, gélida e implacavelmente, a diferença entre a vida e a morte: é o confundir o usufruto por

comodato com aquele por direito adquirido. Freud – qual velho Tirésias enlouquecido pela vidência – nos assombra ao proferir, contrariando os contentes e pacificados, que o núcleo do prazer é tumba, é ossário, é espectro: o miasmático e sulforoso reino de Hades estende seus domínios sobre o coração da vida. (Nepomuceno, 2001, p. 103)

Identidad e identitarismo: el deseo bajo asalto

Resumen: Al abordar el tema de la identidad y el identitarismo, el autor ofrece una perspectiva histórica de estas condiciones, a la vez que busca vincularlas con la transexualidad. La transexualidad se presenta como un fenómeno favorecido por ciertas condiciones contemporáneas, pero también como algo constitutivo del ser humano, especialmente el deseo.

Palabras clave: identidad, identitarismo, deseo, transexualidad, subjetivación

Identity and Identitarianism: desire under assault

Abstract: The author, in addressing the theme of identity and identitarianism, provides a historical overview of these conditions, while also seeking to connect them with transsexuality. Transsexuality is seen as a phenomenon favored by certain contemporary conditions but also linked to what is constitutive of the human being, especially desire.

Keywords: identity, identitarianism, desire, transsexuality, subjectivation

Referências

Aulagnier, P. (1985). Nascimento de um corpo, origem de uma história. In J. McDougall et al. (Orgs.), *Corpo e história*. Casa do Psicólogo.

Barros, D. (2024). *O que é identitarismo?* Boitempo.

Berman, M. (1986). *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Companhia das Letras.

Buarque, C. (2026, março). A esquerda neoliberal. *Veja*. Editora Abril.

Bulamah, L. & Kupermann, D. (2016). A psicanálise e a clínica de pacientes transexuais. *Periódicus, 1*(5), 73-86.

Butler, J. (2018). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* [Livro eletrônico]. Civilização Brasileira.

Butler, J. (2019). *Corpos que importam* [Livro eletrônico]. Crocodilo Edições.

Carone, C. (2026, 1 de junho). As cartas aterrorizantes das presas trans estupradas na Colmeia. *Metrópoles*. https://www.metropoles.com

Civita, V. (Org.). (1976). *Mitologia* (Vol. 2). Abril Cultural.

Freud, S. (1974a). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Imago. (Trabalho original publicado em 1930)

Freud, S. (1974b). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Imago. (Trabalho original publicado em 1932)

Freud, S. (1974c). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

Freud, S. (1974d). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (1986). *Lettere a Wilhelm Fliess (1887-1904, edizione integrale)*. Boringhieri.

Fuks, B. (2000). *Freud e a judeidade: A vocação do exílio*. Zahar.

Han, B.-C. (2025). *Sociedade do cansaço*. Vozes Nobilis.

Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. Zahar.

Lasch, C. (2023). *A cultura do narcisismo*. Fósforo.

Levy, J.-M. (2019, maio-junho). *Sombras e luzes da bissexualidade*. Trabalho apresentado no 79º CPLF, Paris, França. Cópia cedida pela Sociedade de Psicanálise de Brasília.

Nepomuceno, J. (2001). Sexualidade e criatividade: Algumas considerações, com ênfase no masculino. *Revista Brasileira de Psicanálise, 35*(4), 1023-1038.

Nepomuceno, J. (2005). Trauma e subjetivação. *Revista Brasileira de Psicanálise, 39*(1), 103-119.

Richard, F. (2019, maio-junho). *A bissexualidade, o incesto e a morte*. Trabalho apresentado no 79º CPLF, Paris, França. Cópia cedida pela Sociedade de Psicanálise de Brasília.

Ricoeur, P. (1991). *O si-mesmo como um outro* [Livro eletrônico]. Papirus.

Roudinesco, E. (2022). *O eu soberano*. Zahar.

Saketopoulou, A. (2014). Mourning the body as bedrock: Developmental considerations in treating transsexual patients analytically. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 62*(5), 773-806.

Stoller, R. (1993). *Masculinidade e feminilidade: Apresentação do gênero*. Artes Médicas.

Viana, C. (2010). Identidade pessoal e continuidade. *Kinesis, 2*(3), 266-283.

José Nepomuceno

jnepomuc@terra.com.br

DOI: 10.67671/alter.2026.12

© Alter, 2026. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia por escrito da editoria.